

Ascent

Bernardo Sasseti Trio²

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

JAZZ 4 DE OUTUBRO

21h30 · Grande Auditório · Duração 1h30

Violoncelo Adja Zupančič^{v,v} Piano Bernardo Sassetti Vibrafone Jean-François Lezé Contrabaixo Carlos Barretto
Bateria Alexandre Frazão

Apresentação oficial do novo disco de Bernardo Sassetti, *Ascent*



Ascent

Ascent é o título do meu mais recente trabalho de exploração da composição e interpretação musicais em comunhão com as artes visuais, nomeadamente a fotografia e o cinema. Este último, por exemplo, tem-me acompanhado desde o princípio dos anos 80, sobretudo no interesse que tenho pela relação das imagens com a música, ou melhor, na representação psicológica, emocional ou circunstancial, que nos é transmitida pela banda sonora - complemento fundamental da imagética do cinema.

Sobre o cinema e as imagens fotográficas

O cinema distingue-se, entre outras coisas, pela forma original de contar uma história e o processo de montagem de um filme talvez seja o seu principal segredo. Refiro-me a narrativas em que as personagens e situações principais aparecem sob a forma de fragmentos, independentes uns dos outros, assim como dos planos ou sequências – em efeito surpresa – que ganham forma e sentido à medida que a história decorre. Sobre a música, as vozes que vão surgindo e os motivos que são desenvolvidos ao longo da gravação, ainda que de uma forma abstracta e ilusória, poderão ser disso exemplo. A transposição desta ideia para as notas de uma partitura é apenas um possível ponto de partida da sua representação musical – não devendo, por isso, condicionar aqueles que a ouvem.

Nos últimos anos, conheci e trabalhei com alguns realizadores, tais como José Álvaro Morais, Eduardo Guedes, Mário Barroso, Anthony Minguella ou Margarida Cardoso; eles foram despertando em mim um interesse pela contenção no acto de escrever música. Aprendi muito sobre o respeito pelo espaço (artístico) que cada um ocupa e, acima de tudo, sobre a importância do silêncio. Antes de dar início à composi-

ção, começámos por trocar impressões relativamente ao carácter musical pretendido nos momentos cruciais de cada história. E como se trata de um trabalho de constante colaboração artística, fomos experimentando várias soluções possíveis, introduzindo, ao longo da narrativa, o tema principal em todas as suas variantes e, claro, alguns temas circunstanciais. Por outro lado, acabámos sempre por retirar, a pouco e pouco, todo e qualquer modelo de superficialidade musical: fórmulas recorrentes no cinema comercial, sobretudo quando se pretende induzir emoções nos espectadores e opções estéticas que procurei sempre evitar.

Também a fotografia simboliza, para mim, a compreensão de um novo mundo, ilusório mas, ao mesmo tempo, próximo dos nossos olhares sobre a realidade. Como não existe uma só realidade, mas sim várias realidades vistas por vários indivíduos, a minha forma de olhar pelo pequeno rectângulo vai ao encontro de uma procura intemporal, quase distorcida dessa mesma realidade – utilizando muitas vezes a desfocagem fotográfica como ponto de partida de uma estética (ou representação) ambígua de tudo o que se passa diante dos nossos olhos.

Sobre os músicos

O Carlos Barretto tem uma forma única de tocar contra baixo, muito irrequeto e sempre à procura do possível e também do improvável, sem nunca perder a consciência do tempo e do espaço no grupo; num registo que percorre todo o instrumento, desde o acompanhamento (em notas simples) até à execução dos improvisos mais irreverentes, admiro-lhe a espontaneidade e a agitação das suas linhas e dos seus movimentos harmónicos; estes são, por si só, um estímulo para qualquer solista que o acompanhe, seja qual for a formação. Gosto especialmente quando ele diz “esta parte podia ser mais astrológica!”

O Alexandre fração é também, para mim, um músico de referência. Basta-me não dizer nada para que ele perceba tudo, sem nunca dar a entender que percebeu, sem dizer coisa nenhuma e nada fazer para que eu perceba. Perceberam? Para além de ser a imagem do prazer de tocar, tem um conhecimento muito vasto sobre as diferentes linguagens e ritmos da música de expressão étnica ou tradicional, dos vários continentes; gosta de ensaiar - o que é uma vantagem nos dias que correm! - e consegue transformar os temas que lhe apresento em desafios artísticos, sem nunca recorrer a ritmos ou acompanhamentos vulgares. Quando toco com o Alexandre, os conceitos de energia, força e subtilidade, ganham mais sentido pelo entendimento musical que possui e, tão ou mais importante, pela forma versátil como ouve (e segue) a música que o rodeia.

Para este projecto, contamos com a participação especial de Ajda Zupančič e Jean-François Lezé, de forma a criar um novo trio de violoncelo, vibrafone e piano - este último como elemento de união entre os dois trios.

Conheci a Ajda Zupančič numa altura em que as composições para orquestra se tornaram mais regulares, nomeadamente as

bandas sonoras para cinema com a orquestra Sinfonietta de Lisboa. Sempre ouvi o seu violoncelo como uma voz (quase) definitiva, um exemplo de expressividade e entrega musicais, tanto a solo como em grupo. O controlo que tem no movimento do arco é, entre outras, a característica que mais lhe admiro. Não posso deixar de referir a preocupação que tem com o resultado final do grupo, o que a levou, ironicamente, a dizer-me assim um dia: “Esta passagem está mal escrita para violoncelo! Ai, ai, estes rapazes do jazz!”

O Jean-François é um músico versátil no campo da percussão orquestral. Trabalhámos juntos pela primeira vez numa composição arriscada mas que me trouxe um enorme entusiasmo: Música para Piano, Marimba e Tuba. Desde logo percebi que ele se movimentava em vários estilos de música com naturalidade. O vibrafone em *Ascent* não é utilizado como instrumento melódico nem com presença impositiva, mas sim como elemento que surge em função das ressonâncias do piano ou como continuação delas. Isto é conseguido graças à sua subtilidade e silêncio necessários - coisa de quem percebeu a música que tem nas mãos.



Sobre a música do espectáculo

Será possível traduzir por palavras a música que imaginamos interiormente?

Todos sabem que o desafio de comunicar, a espontaneidade, a harmonia, o conflito de sons e ideias, assim como a energia sob várias formas e feitios, serão sempre lugares comuns quando falamos de música, escrita ou improvisada. Interpretá-la no momento é a expressão máxima do nosso caminho e a constante procura de caminhos outros. Eu gosto de pensar que talvez seja a vontade de olhar para dentro e, do silêncio interior, dar sequência a algumas (possíveis) imagens da nossa memória e, ao mesmo tempo, do preciso momento em que o som e a ideia são lançados; mas o maior desafio de todos é, para mim, a procura de outros lugares – indefinidos e muito longe daquele onde vivemos, quando deixamos para trás os nossos instrumentos.

Muitas vezes, penso em música como uma forma de desconstrução, e consequente construção, do discurso musical, e também como representação de imagens abstractas, presentes na consciência imediata. Estas ganham ainda maior dimensão quando, em conjunto com outros músicos, surgem como “movimentos” dramáticos, objectivos mas também indefinidos, das “histórias” que nos propomos contar.

Hoje, parece-me evidente que o *jazz* é o centro da música que faço, independentemente de muitas outras referências fundamentais; por outro lado, a determinação musical encerra em si um sem número de interrogações: quando começo a improvisar, encontro-me sempre perante uma incógnita, mesmo que a estrutura seja bem precisa. Sinto sempre uma inquietação no movimento das invenções e inversões que surgem, experimentalmente, no instante de interpretar. Só tenho certezas quando o instinto me diz que não existe muito tempo

para pensar e a sequência dos sons deve ser, com igual valor, um espaço de espontaneidade criativa e uma constante entrega ao prazer de tocar. Reconheço também que qualquer forma de arte deve ser um meio de exploração das nossas convicções pessoais, ainda que possa ser um exemplo vivo de fragilidade e indecisão artísticas.

Seguindo estas ideias, recordo aqui uma frase que nunca esqueci de Bernard Herrmann, um compositor que muito admiro: *Everybody's life has some rain in it*. Esta observação vem reforçar a ideia de que a música que procuro transmitir é também um meio de expressão enigmático, mais intuitivo do que pensado (entenda-se bem, já que existe sempre um raciocínio), harmonicamente ambíguo e longe de qualquer análise concreta. De um instante a outro, sem razão aparente, o sol desaparece e a chuva cai; ou fica à espreita e a paisagem transforma-se – ou talvez não; não se sabe o que poderá acontecer, nem quando voltará o sol...

Música, essa questão cada vez mais sem limites. Talvez seja o reflexo da nossa vida; talvez seja a realidade juntamente com o universo dos sentidos. Porém, mais do que a própria realidade, este trabalho é o espelho das coisas que dela imaginámos. E as imagens, em forma de música, terão sempre um carácter abstracto, suspenso, inacabado...

Bernardo Sassetti, 2005

PROGRAMA

1

*Do Silêncio
Revelação*

2

*El Testament d'Amèlia
(canção popular catalã)*

3

Ascent

4

De um instante a outro

5

Como quem diz

6

*Reflexos, Mov. Contrário
Um dia, através do vidro
(Parte I;Parte II)*

7

Outro lugar

8

Naquele tempo

9

(In)diferente

10

*Da Noite
Ao silêncio*

Composições e arranjos de Bernardo Sasseti, excepto quando indicado. *El Testament d'Amèlia* pertence à obra *Cançons i danses (Cançón nº 8)* de Federic Mompou; *Como quem diz* é baseado em *Cantiga do campo*, de inspiração popular portuguesa, transcrita por António Fragoso. *Do Silêncio, Revelação e Naquele tempo* são novas versões baseadas na banda sonora original para o filme *A Costa dos Murmúrios*, de Margarida Cardoso (2004). *Ascent* é dedicado a José Álvaro Morais.

BERNARDO SASSETTI

Nasceu em Lisboa em Junho de 1970. Iniciou os seus estudos de piano clássico aos nove anos com a professora Maria Fernanda Costa e, mais tarde, com o professor António Menéres Barbosa, tendo frequentado também a Academia dos Amadores de Música. Dedicou-se ao jazz, estudando com Zé Eduardo, Horace Parlan e Sir Roland Hanna. Em 1987 começa a sua carreira profissional, em concertos e clubes locais, com o quarteto de Carlos Martins e o Moreiras Jazztet; participa em inúmeros festivais com músicos tais como Al Grey, John Stubblefield, Frank Lacy e Andy Sheppard. Desde então, nos primeiros 15 anos de carreira, apresenta-se por todo o mundo ao lado de Art Farmer, Kenny Wheeler, Freddie Hubbard, Paquito D'Rivera, Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson, Charles McPherson, Steve Nelson, integrado na United Nations Orchestra e no quinteto de Guy Barker com o qual gravou o CD *Into the blue* (Verve), nomeado para os "Mercury Awards 95- Ten albums of the year". Em Novembro de 1997, também com Guy Barker, gravou *What Love is*, acompanhado pela London Philharmonic Orchestra e tendo como convidado especial o cantor Sting.



© Rodrigo Amado

O seu primeiro trabalho discográfico como líder, *Salsetti* (Groove/Movieplay), foi gravado em Abril de 1994 com a participação de Paquito D'Rivera, o segundo, *Mundos* (Emarcy/Polygram), em Janeiro de 1996; *Nocturno*, lançado pela editora Clean Feed em 2002, foi distinguido com o 1º prémio Carlos Paredes. *Indigo* e *Livre* são outras das suas mais recentes gravações de piano solo para a mesma editora.

Dedica-se regularmente à música para cinema, tendo realizado vários trabalhos nos quatro últimos anos, de entre os quais se destaca a sua participação no filme do realizador Anthony Minguella - *The Talented Mr. Ripley* (Paramount/Miramax). Para este projecto gravou *My Funny Valentine* com o actor Matt Damon, entre outros temas. Compôs igualmente, em parceria com o trompetista Guy Barker, uma série de temas para serem apresentados na *Première* deste filme realizada em Los Angeles, Nova Iorque, Chicago, Berlim, Paris Londres e Roma.

Os seus mais importantes trabalhos de composição para cinema são os seguintes: *Maria do Mar* de Leitão Barros, *Facas e Anjos* de Eduardo Guedes, *Quaresma* de José Álvaro Morais, *O Milagre Segundo Salomé* de Mário Barroso, *A Costa dos Murmúrios* de Margarida Cardoso, *Alice* de Marco Martins (por estrear), o documentário *Noite em Branco* de Olivier Blanc e a curta-metragem *As Terças da Bailarina Gorda* de Jeanne Waltz. Como solista, participou também no filme *Pax* de Eduardo Guedes e na curta-metragem *Bloodcount* de Bernard McLoughlan.

Como concertista, no tempo presente, apresenta-se em piano solo, em trio com Carlos Barretto e Alexandre Frazão ou em duo com o pianista Mário Laginha, com quem gravou os CD's *Mário Laginha/Bernardo Sassetti* e *Grândolas* (uma homenagem a Zeca Afonso e aos 30 anos do 25 de Abril).

Hermeto Pascoal

O limite da criatividade de Hermeto Pascoal é o infinito. Fascinado pela experimentação, a música nas suas mãos manifesta-se de forma inesperada. Compositor, arranjador e multi-instrumentista, os seus concertos constituem verdadeiros *happenings* onde são misturados instrumentos e sintetizadores, animais e objectos com resultados sonoros inesquecíveis. Consagrado e respeitado internacionalmente, Hermeto rompe todas barreiras conceituais e musicais, enriquecendo a música popular brasileira e universal.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Patrícia Santos

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino

Paulo Abrantes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnicos Auxiliares

Tiago Bernardo

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt

